



**P**ittsburgh é uma cidade americana cuja economia outrora se encontrava especializada na indústria metalúrgica, tendo nestes tempos apenas um motor de crescimento. Nos anos 80 esta indústria desapareceu e a economia desta zona da América quase faliu. Hoje é sede de grandes empresas americanas nomeadamente HJ Heinz, Alcoa US Steel, PNC Financial Services Group. Tem igualmente uma das grandes escolas de pesquisa e investigação, Carnegie Mellon University, a qual muito contribuiu para o aparecimento de empresas especializadas em biotecnologia, energias renováveis e software. No tempo actual de crise, esta cidade atingiu uma taxa de desemprego de 7,7%, enquanto que, num momento de crise grave ocorrido nos tempos em que tinha apenas um motor de desenvolvimento a mesma taxa de desemprego atingia valores de 17%. A diversificação das áreas de negócios da economia gerou um novo ciclo de desenvolvimento, uma nova era de prosperidade e mais resistências aos tempos de crises severas. Com esta transformação até a outrora envelhecida população deu lugar nos tempos actuais a uma população mais jovem. Esta cidade é uma lição para o mundo, mas também para muitas cidades americanas, que por causa desta severa crise económica e financeira têm de alterar o perfil da sua estrutura

económica. Esta cidade é uma lição também para a nossa região do Minho e para o distrito de Braga, que enfrenta um problema grave de emprego, que precisa de alterar os seus motores de desenvolvimento e o perfil da sua estrutura económica. Todavia, esta cidade acolheu nos últimos dias uma importante reunião do G20 e dos seus líderes políticos, a terceira reunião em um ano. Os países do G20 consumiram em planos de estímulo à economia cerca de 2% do PIB em 2009, podendo em 2010 atingir 1,6% do PIB; em 2007 o défice público do G20 atingia 1,1% do PIB, em 2009 atingirá 8,1% do PIB e em 2010 a mesma relação será de 6,9%; antes da crise, a dívida pública do G20 era de 62,4% do PIB, mas em 2009 deverá atingir 76,1%, em média. De referir que estes valores relativos médios poderiam ser superiores e não são porque as economias emergentes têm pesos relativos mais baixos, e refiro-me a países como a China, a Índia e o Brasil. Senão vejamos: nos países desenvolvidos a mesma dívida pública corresponderá a 100,6% do PIB em 2009, quando em 2007 foi de 78% em média, sendo nos países emergentes 38,8% do PIB em 2009, tendo sido em 2007 de 37,5% do PIB; nos países emergentes o défice público em 2009 representará 4,9% do PIB e nos países desenvolvidos esta relação será de



O P I N I Ã O

**JORGE ORGE**  
ANALISTA FINANCEIRO  
ORGEINVESTMENT@MAIL.TELEPAC.PT

## Pittsburgh

10,2% em 2009. Os temas que foram objecto de discussão nesta importante reunião foram: estratégias de saída da crise, aos prémios da Banca, o capital dos Bancos e o clima e o comércio. Perante estes temas, os diversos países possuem visões divergentes. Para a regulação financeira o Reino

Unido possui uma visão diferente do resto da Europa; para a realização de operações e transacções financeiras, a Alemanha propõe que se aplique a "taxa Tobin", assim como, pensa que a regulação financeira deverá ser uma realidade para todos os produtos financeiros; os EUA desejam propor a redução faseada dos subsídios que são normalmente atribuídos à indústria dos combustíveis fósseis, uma maior cooperação entre as economias e um maior equilíbrio macroeconómico; a China deseja divulgar ao mundo que no futuro tudo fará para que não dependa tanto do enorme peso que as exportações têm no seu PIB e aumentará o peso da procura interna no mesmo PIB, assim como, tal como os EUA também desejam um maior equilíbrio macroeconómico das economias do G20; o Brasil, por sua vez, fará fortes apelos à realização de reformas nas intituladas instituições de Bretton Woods, nomeadamente FMI e Banco Mundial, tentando impor uma nova distribuição de votos nestas instituições entre Blocos, pois, os países desenvolvidos possuem 57% dos votos no FMI e 56% no Banco Mundial, desejando os países emergentes um maior equilíbrio nestes pesos. É claro que se observarmos o que já foi de facto feito para haver uma melhor ordenação da regulação dos sistemas financeiros, constatamos que no que se refere a variações estrutu-

rais nada foi ainda feito, e refiro-me ao controlo das "off-shores", à regulação dos "hedge-funds" e do "short-selling", assim como, uma nova forma de estar das agências de notação de risco e reformar os Bancos. Sem dúvida, nas medidas estruturais ainda nada foi feito, nem é fácil haver no seio do G20 uma posição consensual sobre estas medidas, pois, existem sobre a mesma coisa diferentes visões. O que já foi realizado resume-se a medidas que visaram reforçar a supervisão financeira e regulação financeira mas não de forma estruturada e em profundidade. Significa isto que, no futuro imediato o próximo corremos o risco de enfrentar novas crises económicas e financeiras, pois, a crise actual não está a ser resolvida de forma adequada. Os Bancos continuam extremamente alavancados e com insuficiências de capital, as imparidades de crédito continuam a aumentar nos balanços dos Bancos, a procura interna das economias continua extremamente endividada, e os Estados têm tido necessidade de apoiar muito os Bancos e as empresas para evitar o colapso das mesmas. As medidas de estímulo às economias, aumentando os défices orçamentais destas e as suas dívidas acumuladas, têm sido de grande importância, no entanto, esta crise profunda não pode ser resolvida de forma rápida. É necessário tempo e muita prudência.